

Intelectuais e Propósitos: a Riqueza que nada Compra

Wanderley Guilherme dos Santos*

Em meio à década de 50 do século passado, os estudos sociais começaram a recuperar a dinâmica e a qualidade da década de 30, antes do golpe de 1937, superando o marasmo que se seguira à ditadura varguista (1937-1945). Evito, aqui, comparar a produção intelectual da Primeira República, notoriamente inferior às análises da elite escravocrata do Segundo Império, e remeto, diretamente, às obras altamente criativas e muito bem informadas sobre o que se escrevia no resto do mundo, da primeira metade da década de 30. A coleção Azul, dirigida por Affonso Schmidt, publicaria vários pequenos volumes, absolutamente indispensáveis para quem queira conhecer o Brasil, em sua genealogia e contemporaneidade (a deles). Estavam nessa coleção *O Brasil Errado*, de Martins de Almeida, *O Sentido do Tenentismo*, de Virgínio Santa Rosa, *Introdução à Revolução Brasileira*, de Afonso Arinos de Mello Franco, entre outros. A Companhia Editora Nacional publicava, de Azevedo Amaral, *O Brasil na Crise Atual* e, do mesmo autor, a Editora José Olympio expunha ao público *A Aventura Política do Brasil*. É quando Gilberto Freyre começa a publicar seus volumes, que se tornarão de referência perene, bem como Oliveira Vianna, Menotti Del Picchia e Sergio Buarque de Holanda. Quando comparada à da Primeira República, a qualidade e quantidade das análises sociais, circulando na primeira metade dos anos 30, eram surpreendentes.

*Professor e pesquisador do IUPERJ/Universidade Cândido Mendes. Doutor em Ciência Política pela Stanford University. Pós-doutor pela UFRJ. Endereço postal: praça Pio X, n. 7, sala 1003, Centro, Rio de Janeiro, CEP: 20040-020. Endereço eletrônico: leex@candidomendes.edu.br

Pois, a segunda metade da década de 50 provocaria a mesma sensação. Eram os livros de Viana Moog, vindos do Sul, eram os discípulos de Florestan Fernandes, em São Paulo, eram o ISEB e a Editora Civilização Brasileira, no Rio de Janeiro. O compromisso dessa geração, simultaneamente, com o possível rigor disponível e a relevância da agenda pública, era notório. Constituíam, por assim dizer, uma literatura comprometida, sem significar que fosse partidariamente enviesada, o que, de resto, também existia.

A ditadura instalada em 1964, excepcionalmente, não repetiu o sufocamento que a ditadura de 1937 produziu. Não na mesma extensão, quero dizer. Livros eram importados, estudantes saíam legalmente do país para estudar em universidades européias e norte-americanas, até alguns volumes mencionando temas “perigosos” circulavam com alguma liberdade. A abertura política, já começada no fim da década dos setenta, porém, traria uma novidade muito importante: o deslocamento da agenda pública dos interesses majoritários dos intelectuais. À ourivesaria metodológica não têm correspondido resultados de consequências significativas para a vida social ou política. Penso mais na área dos estudos políticos do que na de sociologia, cujas preocupações, certamente estimuladas pelo movimento da sociedade brasileira, se voltam para os problemas de gênero, etnias e mobilidade social.

Não que os estudos sociológicos não estejam, igualmente, mimetizando a produção do centro imperial, mas, por coincidência, as preocupações norte-americanas, no presente, refletem problemas de natureza mais universal. Com os estudos políticos, ao contrário, a especialização acadêmica, levada ao extremo da incomunicabilidade, fez dessa mesma incomunicabilidade uma comenda honorífica. Importam menos os resultados do que os meios para alcançá-los, ao alcance de iniciados. Já Péricles dizia, entretanto, que, embora nem todos os governados possuíssem talento para governar, todos, por igual, possuíam discernimento para julgar se estavam bem ou mal governados. Do mesmo modo, embora as equações obrigatórias em certas áreas da disciplina me pareçam tão simples quanto hieróglifos, ou seja, me são incognoscíveis, sei apreciar as conclusões a que chegam. E, aí, como qualquer cidadão ateniense, sei apreciar e distinguir o que pífio do que tem valor adicional. Grande parte da literatura acadêmica (e a intelectualidade fora da academia conta cada vez menos no país) está sujeita ao desconforto de não poder responder, de maneira eficaz, à pergunta sobre seus resultados: e, se fosse diferente, o que aconteceria no mundo? Poucos estudos podem oferecer resposta satisfatória ao questionamento, porque, na maioria dos casos, ela seria o seguinte: nada de muito importante.

Uma ciência, cujas conclusões são tão importantes quanto às conclusões opostas, caso fossem, revela certo desarranjo em algum lugar de seu funcionamento. O vasilhame é chique, mas é difícil concordar com a hipótese de que o conteúdo também o seja.

Recebido em 30 de outubro de 2008.

Aceito para publicação, em 10 de novembro de 2008.